

XXIV DOMINGO DO TEMPO COMUM (ANO A)*Sir 27, 33-28,9; Sal 102; Rm 14, 7-9; Mt 18, 21-35***COMENTÁRIO***Proclamar o Evangelho do perdão / Para um testemunho evangélico do perdão*

Depois da instrução sobre a correcção fraterna, que ouvimos no Domingo passado, o Evangelho de Mateus prossegue com o ensinamento de Jesus sobre o perdão, a partir da pergunta do apóstolo Pedro sobre «quantas vezes» deveria perdoar ao irmão que o «ofender». O tema sobre o qual vamos reflectir agora está, por isso, em estreita ligação com o de há uma semana, como sugere também a semelhança da frase condicional inicial de Pedro («Se o meu irmão me ofender»), que, de facto, faz lembrar a de Jesus no início do Seu discurso anterior («Se o teu irmão te ofender»). Assim, entre os discípulos de Cristo, a correcção fraterna anda de mãos dadas com o perdão entre os irmãos, com a ênfase precisamente neste último, como sublinha o ensinamento de Jesus hoje através de uma afirmação e de uma parábola. Devemos, pois, escrutinar devidamente cada palavra de Jesus, para acolhermos a Sua mensagem para nós, Seus discípulos, num mundo cada vez mais marcado por guerras, conflitos e ódios.

1. «Não te digo até sete vezes, mas até setenta vezes sete.» O princípio evangélico do perdão “permanente”

A pergunta do apóstolo Pedro é, por si só, provocadora: «quantas vezes deverei perdoar-lhe? Até sete vezes?» Todavia, ela deixa entrever que Pedro percebeu bem o fundamento do ensinamento de Jesus sobre a correcção fraterna, que deve ter sempre como objectivo o perdão e a reconciliação entre os irmãos. Por outro lado, esta pergunta exprime também a perplexidade do apóstolo quanto à forma de regular o caso da repetição das faltas recebidas. Sabendo que na tradição judaico-rabínica há uma recomendação para perdoar os irmãos até três vezes, podemos entender a “generosidade” de Pedro para aumentar a “tarifa” de perdão até sete vezes. Além disso, é preciso lembrar que o número sete na Bíblia simboliza a plenitude e a perfeição, pois corresponde aos dias da criação de tudo por Deus. Deste modo, o apóstolo Pedro quis perguntar, com alguma perplexidade, se se deve efectivamente perdoar quase sempre.

A resposta de Jesus joga exactamente com o valor simbólico do número sete: «Não te digo até sete vezes, mas até setenta vezes sete.» Ou seja, sempre, dez vezes sempre! É o perdão fraterno constante, permanente e sem limites que Jesus recomenda aos Seus discípulos. Por outras palavras, cada discípulo é chamado a perdoar sempre ao seu irmão, e a razão de tal “generosidade” reside precisamente no perdão generoso que Deus concede a cada pessoa na vida, como Jesus quis ensinar logo a seguir através de uma parábola.

2. Uma bela parábola, mas com um pequeno pormenor a aprofundar

A parábola que Jesus conta para ilustrar a necessidade de perdoar é comumente chamada “a parábola do servo impiedoso”. A mensagem do relato torna-se clara a partir das reacções contrastantes do rei e, mais tarde, do servo ao mesmo pedido comovente do devedor: «Concede-me um prazo e tudo te pagarei.» Enquanto o rei e senhor daquele servo, «cheio de compaixão, ... deu-lhe a liberdade e perdoou-lhe a dívida» de dez mil talentos, o servo, por seu lado, não quis perdoar ao companheiro a dívida de cem denários. Os números das dívidas das personagens parecem ter sido escolhidos propositadamente para realçar ainda mais a diferença entre a soma muito grande que o servo devia ao rei e a soma muito mais pequena que esse servo exigia ao seu companheiro. Assim, o absurdo da acção do servo impiedoso e ingrato torna-se ainda mais evidente.

A este propósito, se prestarmos mais atenção a um pormenor da parábola, podemos perceber uma mensagem mais profunda sobre o perdão exigido. É exactamente a soma de cem denários que o servo não queria perdoar. É uma quantia pequena sim, comparada com a de dez mil talentos, mas não parece tão pequena objectivamente, porque corresponde a cem dias de trabalho (cerca de um terço do salário anual). É significativo que Jesus não tenha apresentado um número mais pequeno, como por exemplo dez denários, para acentuar ainda mais o contraste. Em vez disso, manteve-Se num valor médio-pequeno. Esta soma podia ser ainda muito elevada para aquele servo, naquela altura, e, consequentemente, não era perdoável. Talvez se possa vislumbrar aqui uma lição subtil que o Senhor deixa em relação ao perdão. Por vezes, na vida, sofremos ofensas que nos pareceram muito grandes. Aliás, algumas “dívidas” que os outros têm para connosco são objectivamente tão grandes que não podemos perdoá-las, humanamente falando. O Senhor sabe-o e não o questiona. O que Ele pede é apenas que pensemos na nossa dívida, muito maior, para com o nosso Pai celeste, que no-la perdoou. Assim, teremos mais motivação e força para perdoar generosamente o nosso irmão, como fomos generosamente perdoados por Deus. Afinal, esta é a única invocação da oração do Pai Nosso, em que o nosso pedido a Deus Pai está ligado à promessa do nosso compromisso de perdoar a quem nos ofendeu. Neste contexto, em que rezamos no início para que venha o Seu Reino, o nosso perdão será também um sinal concreto da vinda do Reino entre nós. Esta parábola de Jesus sobre a necessidade do perdão é também a parábola do Reino, como o próprio Jesus a definiu logo no início do relato.

3. «Nisto saberão todos que sois Meus discípulos: se tiverdes amor uns aos outros» (Jo 13, 35). O princípio da unidade no amor entre os discípulos para a credibilidade da missão de Cristo

Aqui chegados, é importante retomar aqui as ênfases do final da meditação de Domingo passado.

Com efeito, à luz do que foi dito, compreendemos ainda mais o significado “missionário” de cada acto de correcção e de reconciliação fraterna, baseada fundamentalmente sobre o perdão recíproco entre os irmãos. Trata-se de estar unidos no amor para a credibilidade da mesma missão de evangelização/reconciliação de Cristo e da Igreja-comunidade dos Seus discípulos-missionários. É por isso que Jesus insistiu tanto no amor mútuo entre os Seus, definindo-o como o Seu novo mandamento e sublinhando a importância deste como testemunho de pertença a Ele perante os homens: «Nisto saberão todos que sois Meus discípulos». Ele próprio rezou depois ao Pai por todos os Seus, tanto no presente como no futuro: «para que todos sejam um só; tal como Tu, Pai, estás em Mim e Eu em Ti, que também eles estejam em Nós, para que o mundo acredite que Tu Me enviaste» (Jo 17, 21). Que cada um de nós, Seus discípulos, sinta o coração de Cristo pela unidade no amor e tenha sempre presente, em cada acção, este desejo do Mestre! Isto é particularmente verdadeiro para a nossa acção de perdoar «de coração, cada um ao seu irmão», como o nosso Pai celeste nos perdoou.

Concluamos, por isiso, também hoje, com as palavras inspiradas de São Paulo aos fiéis de Tessalónica. São também o desejo do Senhor para todos nós, Seus discípulos-missionários, hoje, até no meio de várias correcções necessárias por causa das fraquezas humanas: «O Senhor vos faça crescer e abundar no amor de uns para com os outros e para com todos, tal como nós o temos tido para convosco, a fim de que os vossos corações se conservem irrepreensíveis na santidade, diante de Deus, nosso Pai, por ocasião da vinda de nosso Senhor Jesus, com todos os Seus santos». (1 Ts 3, 12-13).

Citações úteis:

PAPA LEÃO XIV, *Jubileu dos operadores de justiça*, Praça de São Pedro, Sábado, 20 de septiembre de 2025

[...] A tradição ensina-nos que a justiça é, em primeiro lugar, uma virtude, ou seja, uma atitude firme e estável que guia o nosso procedimento segundo a razão e a fé. A virtude da justiça, em particular, consiste na «constante e firme vontade de dar a Deus e ao próximo o que lhes é devido». Nessa perspetiva, para quem

acredita, a justiça dispõe «a respeitar os direitos de cada qual e a estabelecer, nas relações humanas, a harmonia que promove a equidade em relação às pessoas e ao bem comum», objetivo que se torna garante de uma ordem que protege os fracos, aqueles que pedem justiça porque vítimas de opressão, excluídos ou ignorados.

Em muitos episódios evangélicos, a ação humana é avaliada por uma justiça capaz de derrotar o mal da prepotência, como lembra a insistência da viúva que leva o juiz a reencontrar o sentido do que é justo (cf. *Lc* 18, 1-8). Mas também uma justiça superior que paga ao trabalhador da última hora como ao que trabalha o dia inteiro (cf. *Mt* 20, 1-16); ou aquela que faz da misericórdia a chave de interpretação das relações e leva a perdoar, acolhendo o filho que estava perdido e foi reencontrado (cf. *Lc* 15, 11-32), ou, mais ainda, a perdoar não sete vezes, mas setenta vezes sete (cf. *Mt* 18, 21-35). É a força do perdão, própria do mandamento do amor, que surge como elemento constitutivo de uma justiça capaz de conjugar o sobrenatural com o humano. A justiça evangélica, portanto, não se desvia da justiça humana, mas questiona-a e redesenha-a: leva-a a ir sempre mais além, porque a impulsiona à busca da reconciliação. O mal, na verdade, não deve apenas ser punido, mas reparado, e para isso é necessário um olhar profundo em relação ao bem das pessoas e ao bem comum. Tarefa árdua, mas não impossível para quem, consciente de desempenhar um serviço mais exigente do que outros, se compromete a manter uma conduta de vida irrepreensível. [...]

PAPA LEÃO XIV, Viagem Apostólica à Espanha (6-12 de junho de 2026), *Encontro com as organizações de caridade e assistência da diocese, Discurso*, Igreja de Santo Agostinho (Barcelona), Quarta-feira, 10 de junho de 2026

[...] Quanto à questão sobre se devemos sempre perdoar, Jesus diz-nos que sim. Um dia, Pedro perguntou-lhe: «Senhor, se o meu irmão me ofender, quantas vezes lhe deverei perdoar? Até sete vezes?» E Jesus respondeu-lhe: «Não te digo até sete vezes, mas até setenta vezes sete» (*Mt* 18, 21-22). Jesus queria dizer com isso: perdoa sempre. Mas é preciso compreender bem o que significa perdoar. Perdoar não significa dizer que o mal esteve certo, nem deixar que alguém continue a fazer o mal. Não significa esquecer à força, como se nada tivesse acontecido. Perdoar significa não deixar que o ódio se torne o dono do nosso coração. Jesus pede-nos que perdoemos porque é a única maneira de experimentar a paz de Deus e de curar feridas espirituais. Quando perdoamos, imitamos o exemplo de Jesus, que perdoou aos que o crucificavam. A nossa disposição para perdoar é condição para o perdão que recebemos de Deus. [...]

Chamados a amar a Deus e, por amor a Ele, aos nossos irmãos, somos também enviados a ir ao encontro de todos. O cristão, além de bondoso e amável, há de ser compassivo, amar desinteressadamente e procurar o bem dos outros, sabendo que em cada irmão e irmã que sofre é o próprio Senhor quem pede e recebe, quem é acolhido ou rejeitado, amado ou desprezado.

A caridade evangélica, fundada em Jesus Cristo e alimentada pelo seu amor, molda e dá identidade à vida pessoal e comunitária de todo o cristão. Por isso, cada comunidade eclesial diocesana, movida pela caridade e instruída pelo Espírito Santo, é chamada a aproximar-se, segundo as suas possibilidades e capacidades, com discrição, delicadeza e perseverança, das feridas e necessidades dos pequenos e vulneráveis, para aliviar os seus sofrimentos e remediar a sua pobreza. [...]

PAPA LEÃO XIV, Viagem Apostólica à Espanha (6-12 de junho de 2026), *Vigília de oração*, Estádio Olímpico “Lluís Companys”, Terça-feira, 9 de junho de 2026

[...] Devemos aprender a considerar o perdão, esse poderoso remédio contra o mal, que cura as nossas feridas interiores, como algo que faz parte de um processo, de um caminho. O próprio Evangelho, se o lermos como um livro de instruções, mandamentos e deveres, corre o risco de nos causar muito desânimo e frustração, porque Jesus nos convida ao perdão e nós sentimos que não somos capazes. E, no entanto, não é assim. O perdão, primordialmente, deve ser invocado do Senhor; continuar a pedir – talvez durante toda a vida – que Ele amplie em nós o espaço do amor, chegando precisamente ali onde fomos feridos; que nos ajude a reconciliar-nos conosco mesmos e com essa parte da nossa história marcada pelo sofrimento; e que transforme lentamente o ressentimento em misericórdia e compaixão. É um longo caminho; um processo que exige muita paciência; um trabalho que devemos realizar conosco próprios, tanto a nível pessoal como através de outros itinerários de acompanhamento e também de reconciliação interior. E é preciso não desanimar: no perdão, avança-se a pequenos passos.. [...]

PAPA FRANCISCO, *Audiência Geral*, quarta-feira, 24 de abril de 2019
Catequese sobre o “Pai Nosso”: 13

[...] Vimos que é próprio do homem ser devedor diante de Deus: d'Ele recebemos tudo, em termos de natureza e de graça. A nossa vida não só foi querida, mas foi amada por Deus. [...]

A relação de benevolência vertical por parte de Deus desvia-se e é chamada a traduzir-se numa relação nova que vivemos com os nossos irmãos: uma relação horizontal. [...]

Cada cristão sabe que existe para ele o perdão dos pecados, isto todos o sabemos: Deus perdoa tudo e perdoa sempre. Quando Jesus conta aos seus discípulos o rosto de Deus, esboça-o com expressões de terna misericórdia. Diz que há mais alegria no céu por um pecador que se arrepende, do que por uma multidão de justos que não precisam de conversão (cf. *Lc* 15, 7-10). Nos Evangelhos nada deixa suspeitar que Deus não perdoa os pecados de quem está bem disposto e pede para ser reabracado. [...]

Encontramos aqui a ligação entre o amor a Deus e o amor ao próximo. Amor chama amor, perdão chama perdão. Ainda em Mateus encontramos outra parábola muito intensa dedicada ao perdão fraterno (cf. 18, 21-35). Ouçamo-la.

Havia um servo que tinha contraído uma dívida enorme com o seu rei: dez mil talentos! Uma quantia impossível de restituir; não sei quanto seria hoje, mas centenas de milhões. Mas aconteceu o milagre, e aquele servo não obtém um prazo mais longo para pagar, mas o perdão total. Uma graça inesperada! Mas eis que precisamente aquele servo, logo a seguir, se volta contra um seu irmão que lhe deve cem denários — pouca coisa — e, mesmo sendo esta uma quantia acessível, não aceita desculpas nem súplicas. Por isso, no final, o dono chama-o e condena-o. Pois se não te esforças por perdoar, não serás perdoado; se não te esforças por amar, também não serás amado.

Jesus insere nas relações humanas a força do perdão. Na vida nem tudo se resolve com a justiça. Não. Sobretudo onde se deve pôr um limite ao mal, alguém tem que amar além do devido, para recomeçar uma história de graça. [...]

Deus concede a cada cristão a graça de escrever uma história de bem na vida dos seus irmãos, especialmente daqueles que fizeram algo desagradável e errado. Com uma palavra, um abraço, um sorriso, podemos transmitir aos outros aquilo que recebemos de mais precioso. Qual é a coisa preciosa que recebemos? O perdão, que devemos ser capazes de dar também aos demais.

PAPA FRANCISCO, *Angelus*, Praça de São Pedro, domingo, 13 de setembro de 2020

[...] O cerne da parábola é a indulgência que o senhor demonstra para com o servo que tem a dívida maior. O evangelista sublinha que «o senhor teve compaixão - nunca vos esqueçais desta palavra que é própria de Jesus: “teve compaixão”, Jesus teve sempre compaixão - [teve compaixão] daquele servo, deixou-o ir e perdoou-lhe a dívida». (v. 27). Uma dívida enorme, portanto um enorme perdão! Mas aquele servo, imediatamente a seguir, mostra-se implacável com o seu companheiro, que lhe deve uma modesta soma. [...]

Na parábola, encontramos duas atitudes diferentes: a de Deus - representado pelo rei - que perdoa muito, porque Deus perdoa sempre, e a do homem. Na atitude divina, a justiça está impregnada de misericórdia, enquanto que a atitude humana se limita à justiça. Jesus exorta-nos a abrir-nos corajosamente à força do perdão, porque na vida, sabemos que nem tudo é resolvido pela justiça. Precisamos desse amor misericordioso, que é também a base da resposta do Senhor à pergunta de Pedro que precede a parábola. A pergunta de Pedro soa assim: «Senhor, se o meu irmão me ofender, quantas vezes lhe deverei perdoar?» (v. 21). E Jesus respondeu-lhe: «Não te digo sete vezes, mas setenta vezes sete» (v. 22). Na linguagem simbólica da Bíblia, isto significa que somos sempre chamados a perdoar! [...]